

Entre a cruz e a espada: dimensões do aparecimento em partilhas do sensível de travestis na prostituição durante a pandemia de covid-19

Between a rock and a hard place: dimensions of appearance in the partition of the sensible of transvestite prostitutes during the covid-19 pandemic

Entre la cruz y la espada: dimensiones de la aparición en distribución de lo sensible de travestis en la prostitución durante la pandemia de covid-19

Tomás Soares Pereira German^{1,a}

tomasspgerman@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-7780-5873>

Regiane Lucas de Oliveira Garcêz^{1,b}

regianelucasgarcez@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-0620-6566>

¹ Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-graduação em Comunicação Social. Belo Horizonte, MG, Brasil.

^a Mestrado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais.

^b Doutorado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender as diferentes dimensões do aparecimento das travestis da Av. Pedro II, importante avenida da cidade de Belo Horizonte, durante a pandemia de covid-19. A partir de conceitos como partilhas do sensível e aparecimento foram analisados relatos das travestis, extraídos: a) do livro *Translado* - com o objetivo de contextualizar as rotinas pré-pandemia; b) de entrevistas realizadas por telefone em 2020; e c) de um grupo focal realizado em 2021 presencialmente. O método utilizado para sistematizar e analisar o material foi a montagem de cena, inspirada em Jacques Rancière. Os resultados indicam, por um lado, situações de humilhação, desigualdade e violência. Por outro, desvelam formas de subversão de hierarquias, estratégias de aparecimento e subjetivação política.

Palavras-chave: Travestis; Covid-19; Relatos de si; Partilhas do sensível; Aparecimento.

ABSTRACT

The article aims to understand the different dimensions of the appearance of transvestites during the Covid-19 pandemic. The study focused on transvestites located on Av. Pedro II, an important avenue in the city of Belo Horizonte. Based on concepts such as distribution of the sensible and appearance, reports by transvestites were analysed. They were extracted from: a) the book *Translado* – to contextualize pre-pandemic routines; b) interviews by telephone in 2020; and c) a face-to-face focus group carried out in 2021. The method used to systematise and analyse the material was scene montage, inspired by Jacques Rancière. The results indicate, on the one hand, situations of humiliation, inequality, and violence. On the other hand, they reveal forms of subversion of hierarchies, strategies of appearance and political subjectivati.

Keywords: Transvestites; Covid-19; Self-reports; Partition of the sensible; Appearance.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo comprender las diferentes dimensiones del apareamiento de los travestis de la Av. Pedro II, una importante avenida de la ciudad de Belo Horizonte, durante la pandemia de covid-19. A partir de conceptos como distribución de lo sensible y apareamiento, se analizaron relatos de travestis, extraídos: a) del libro *Translado* – con el objetivo de contextualizar rutinas prepandemia; b) de entrevistas realizadas medio de teléfono en 2020; y c) de un grupo focal realizado en 2021 de forma presencial. El método utilizado para sistematizar y analizar el material fue el montaje de escena, inspirado en Jacques Rancière. Los resultados indican, por un lado, situaciones de humillación, desigualdad y violencia. Por otro lado, revelan formas de subversión de jerarquías, estrategias de aparición y subjetivación política.

Palabras clave: Transgenero; Covid-19; Autoinformes; Distribución de lo sensible; Apareamiento.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Este artigo compõe o Dossiê **O povo da rua: saúde, políticas públicas e comunicação, parte 2.**

Contribuição dos autores:

Concepção e desenho do estudo: Tomás German e Regiane Garcêz.

Aquisição, análise ou interpretação dos dados: Tomás German.

Redação do manuscrito: Tomás German.

Revisão crítica do conteúdo intelectual: Regiane Garcêz.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte, Edital Descentra a Cultura 2018, nº do projeto 0417/2018.

Considerações éticas: CAAE: 29976220.7.0000.5149.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 31 maio 2023 | aceito: 15 jan. 2024 | publicado: 28 mar. 2024.

Apresentação anterior: o artigo apresenta parte dos resultados da dissertação de mestrado defendida em outubro de 2021, não tendo sido apresentado em nenhum congresso ou publicado em qualquer revista científica.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

INTRODUÇÃO

O povo fica aí nessa história: “fica em casa, fica em casa”. Mas como que a gente fica em casa? Tem que ficar, mas fazer o quê? A gente fica entre a cruz e a espada. Porque tem que pagar as contas. Os boletos tão chegando, as contas chegando. Eu vou ficar na minha casa com fome, sem energia, sem água? (Entrevista com Patrícia – dezembro/2020)¹

Assim como Patrícia, outras tantas travestis² profissionais do sexo viveram o dilema de trabalhar ou não durante o período da pandemia de covid-19, que teve o seu pior período nos anos 2020 e 2021. O Brasil foi um dos países com maior número de mortes ocasionadas pela doença, conforme a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2023). O cenário foi ainda mais trágico para os trabalhadores informais que dependem das ruas para trabalhar e que ficaram sem o seu sustento. Uma reportagem, na época, falava de 46 milhões de brasileiros invisíveis aos olhos do governo (Auxílio [...], 2020).

As travestis da Av. Pedro II, da cidade de Belo Horizonte, estão nesse grupo de trabalhadores informais brasileiros. Com a redução de clientes, viram também diminuir sua renda. O auxílio emergencial oferecido pelo governo não chegou a muitas delas, conforme destacou a nota da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra, 2020). Setenta por cento da população trans não foram contempladas com as políticas emergenciais durante a pandemia (Benevides; Nogueira, 2021). Isso pode ser explicado pelo fato de muitas travestis não possuírem documentos ou não utilizarem os que têm, porque não se identificam com o nome com o qual foram registradas. Outras saíram de casa muito cedo e não possuíam documentos com o nome social. Sendo o documento uma das condições para acessarem o auxílio, muitas delas ficavam impedidas de ir ao banco. Além disso, ir ao banco pode significar o constrangimento de ter que explicar sua situação de transição e sua história de vida. “Assim, não resta outra opção, a não ser continuar o trabalho nas ruas, impondo que tal grupo se exponha ao vírus em todas as fases da pandemia. (Benevides; Nogueira, 2021, p. 8).

De acordo com Benevides e Nogueira (2021), acreditava-se que durante a pandemia os índices de assassinatos de pessoas trans e travestis poderiam diminuir por causa do isolamento, assim como aconteceu entre outros grupos da população. Ao contrário, o número de feminicídios aumentou 22% entre os meses de março e abril de 2020 (Bueno *et al.*, 2020). O número de denúncias sobre violência doméstica e contra LGBTQIA+ também cresceu (Anuário [...], 2020). Na verdade, a pandemia aprofundou as precariedades e escancarou os modos de vida e estratégias de sobrevivência dessas pessoas frente a uma realidade que reluta em respeitá-las. Este artigo indaga justamente: quais as diferentes dimensões do aparecimento das travestis em um cenário de extrema vulnerabilidade como foi o da covid-19?

A partir de conceitos como partilhas do sensível (Rancière, 2005, 2016) e aparecimento (Arendt, 1956; Butler, 2018), analisamos os relatos das travestis da Av. Pedro II, avenida de Belo Horizonte. Para contextualizar essas vivências, foram analisadas histórias publicadas no livro *Translado: narrativas de travestis e mulheres trans da Av. Pedro II* (German *et al.*, 2018). Sobre o contexto da pandemia, foco deste artigo, além de seis entrevistas em profundidade no ano 2020, foi realizado um grupo focal presencial em 2021.

Para dar uma dimensão geográfica do local de onde parte o trabalho, é importante dizer que a Av. Pedro II começa perto da rodoviária e liga o centro da capital mineira ao Anel Rodoviário. Percorre toda a região

¹ As participantes das entrevistas e dos grupos focais tiveram seus nomes substituídos por nomes fictícios, enquanto nos relatos extraídos do livro *Translado* (2018) foram mantidos os nomes publicados na obra.

² Ao longo do trabalho, a palavra trans é utilizada para dizer sobre as pessoas que foram designadas com um gênero que não corresponde àquele com o qual elas se identificam. Já o termo travestis é utilizado para se referir a pessoas que foram designadas com o gênero masculino, porém se identificam com o gênero feminino. Muitas delas realizaram procedimentos de alteração do corpo, como uso de hormônios, aplicação de silicone nos seios e nos quadris para remodelação do corpo, entre outros. Outro termo muito comum para denominar pessoas às quais foi atribuído o gênero masculino, porém se identificam com o feminino é “mulher trans”. Neste trabalho todas as participantes se identificam como mulheres e se apresentam com nomes femininos. Entretanto, a maior parte das vezes se reconheceram como travestis e não como mulheres trans. Don Kulick (2008) reconhece que a identidade travesti é algo mais forte na América Latina e seria como estar no meio do masculino e do feminino. Essas experiências comprovam a fluidez do gênero, com base em discursos, muitas vezes ressignificados em diferentes contextos.

Noroeste, a mais populosa da cidade (Arreguy; Ribeiro, 2008). Boa parte da avenida é ocupada durante a noite por pontos de prostituição de travestis. Elas são vistas apenas à noite. Invisíveis ao longo do dia, não constam dos relatos oficiais de ocupação da cidade. Segundo dados da Antra (2018), 90% das travestis são prostitutas, o que é chamado pela militância LGBTQI+ de prostituição compulsória.

A relevância deste estudo está em descortinar as vivências de travestis que dependiam do trabalho sexual no período pandêmico, sejam elas de vulnerabilidade ou de resistência. Sobretudo no campo da saúde coletiva, o trabalho aponta para uma ausência do Estado nas políticas de saúde para as travestis e transexuais, especialmente durante a pandemia. O estudo mostra o quanto elas são invisibilizadas ou, no máximo, vistas como abjetas e alvos de violência, acentuando o preconceito diário que já experimentavam antes da covid-19 e tornando-as ainda mais vulneráveis. Pode ainda contribuir para políticas públicas em saúde ao desvelar essas realidades.

DISCUSSÃO TEÓRICA: APARECIMENTO E SUBJETIVAÇÃO POLÍTICA

Organizamos nossa discussão teórica em torno dos conceitos de aparecimento – em Hannah Arendt, Rancière e Butler – e de subjetivação política em Rancière.

O aparecimento tem lugar importante na palavra, condição humana que cria sentido, narra sentimentos e possibilita a compreensão e o ordenamento do mundo (Arendt, 1956; Rancière, 1996). A dimensão da palavra é aquela que faz com que os seres humanos sejam mais do que seres sociais, mas seres capazes de reivindicar suas necessidades. Todos têm a possibilidade de se expressar, de usar as palavras, mas nem todos são ouvidos ou levados em conta como é o caso dos sem-parte (Rancière, 1996). São aqueles cuja palavra é tida como ruído, cujas reivindicações são minimizadas e sua existência é apagada ou negada. Quando observamos a pesquisa de Benevides e Nogueira (2021), citada anteriormente, notamos que elas apontam a desconsideração pela vida das travestis, não só no contexto pandêmico, mas em toda a dinâmica social que nega seus corpos, seus nomes e seu direito de existir publicamente.

Isso nos remete a uma prática nas forças armadas dos Estados Unidos que consentia que militares fossem *gays*, desde que não se assumissem publicamente (Eribon, 2008). Ou seja, o que era violado era o direito ao aparecimento desses sujeitos. Do mesmo modo, a recusa do nome social é uma outra forma de negação desse aparecimento (Alves, 2017; Bento, 2014). Consideramos que o direito de aparecer é o direito à existência e a uma vida vivível (Arendt, 1956; Butler, 2018). Minar o direito ao aparecimento, por sua vez, não é somente violar um direito, ou o direito a ter e reivindicar direitos, mas é minar a própria existência desses sujeitos, obrigados a existir conforme uma regra imposta. O aparecimento, em Rancière (2005), está quando os sem-parte geram um ruído que incomoda a conformação e evidencia que, mesmo dotados do direito de usar palavras, elas são inauditas ou desconsideradas.

Ainda sobre o direito à existência, em Quadros de guerra, Butler (2015a) discute como em uma guerra algumas vidas são enquadradas enquanto passíveis de luto e outras não. Algumas vidas são consideradas sem importância, sejam elas dos inimigos ou dos invisíveis. A morte dos inimigos representa uma vitória. Já as dos invisíveis são vistas com indiferença, pois estão fora da esfera do vivível. Suas vidas pouco importam.

Butler (2018) e Rancière (2005, 2006) defendem a reivindicação pela consideração das palavras dos invisíveis. Ou seja, a esfera do aparecimento é fundamental para sua existência e para que os sem-parte provoquem política, evidenciem o erro na desconsideração das suas palavras. Rancière (2004) defende que a constituição do espaço político está intimamente ligada a um conflito de enunciação que surge quando os “sem-parte” se inscrevem na cena por meio do discurso, da argumentação e dos recursos poéticos de uma experiência desviante, afastando-se do espaço e do status que lhes foi designado pelo que é tido como convencional. Os sujeitos que estão às margens da sociedade não tomam a palavra a partir do lugar que lhes foi atribuído sociologicamente, mas de um outro lugar enunciado pela experiência desviante. “A finalidade da ação em Rancière não é a de inserir os “sem-parte” na comunidade existente, ou seja, incluir os excluí-

dos, mas de redefinir constantemente a instância da vida comum através de um processo que requer uma partilha do sensível que não seja consensual” (Marques; Prado, 2023, p. 2).

Essa partilha não consensual é o que Rancière (1996) chama de desentendimento: uma situação em que ao mesmo tempo se entende e não se entende o outro, como no caso dos nomes de travestis, em que o nome do documento é entendido como correto/verdadeiro e o nome social é negado ou ignorado. Muitas vezes, chamar uma pessoa trans pelo nome social instaura uma outra conformação, que exige uma outra partilha do sensível; isso porque muitos não o reconhecem como legítimo, já que foge do que é tido como certo. Assim, é como se criassem outras palavras a partir de palavras existentes evidenciando o ruído das palavras dos sem-parte.

A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte do comum em função daquilo que faz do tempo e do espaço em que essa atividade exerce. Assim, ter esta ou aquela “ocupação” define competências ou incompetências para o comum. Define o fato de ser ou não visível num espaço comum, dotado de uma palavra comum, etc. (Rancière, 2005, p. 16)

Rancière (2005) entende que podem haver duas formas de partilhas do sensível: a policial e a política. A policial diz respeito ao que é tido como natural, que flui sem grandes dificuldades na percepção social. É o que é facilmente compreendido. A polícia consiste em “organizar o encontro dos homens em comunidade e seu consentimento, e descansa na distribuição hierárquica de lugares e funções” (2006, p.17). O desentendimento faz parte da política, quando expomos um erro na contagem dos que pertencem ou não à conformação social. É uma partilha que questiona o tido como normal, o tido como certo, o tido como natural, o que pode ou não aparecer, e o que é ou não ruído, como é o caso das travestis.

Em uma aproximação das reflexões de Rancière (1996, 2005) com as discussões sobre gênero, assumimos que as normativas parecem determinar quais gêneros podem aparecer e quais não podem; elas também falham no controle da esfera do aparecimento, operando mais como uma polícia ausente ou passível de falha do que como poderes totalitários efetivos (Butler, 2018). Os gêneros podem algumas vezes aparecer com modos que se baseiam, retrabalham ou mesmo rompem com as condições estabelecidas de aparecimento, rompendo com as normas existentes. Assim, na gramática consensual, algumas expressões de gênero são percebidas como erradas, desviantes e perturbadoras, e há uma conformação para tentar apagá-las do fluxo cotidiano. No caso das travestis, as sombras, a prostituição e outras experiências evidenciam a tentativa de apagamento de suas manifestações de gênero.

O político é o questionamento do normativo, o desencaixe com a polícia (Rancière, 1996). A política então é a “cena na qual se coloca em jogo a igualdade ou a desigualdade dos parceiros de conflito enquanto seres falantes” (Rancière, 2019, p. 84, tradução nossa). A política surge quando se coloca em questão a pretensão de igualdade que se diz assegurada pelos direitos, expondo assim um dano, revelando a igualdade desconsiderada.

Para reparar esses danos, Rancière (2016) propõe a criação de cenas políticas que possibilitem a instauração do comum. A cena, neste trabalho, possui uma função teórica e metodológica que consiste no esforço dos pesquisadores para reordenar material e simbolicamente o que é tido como habitual. Tem a força de identificar se há um processo de verificação da igualdade nos relatos das entrevistadas na pesquisa para além das precariedades relatadas, existentes antes e durante a pandemia. Isto é, a igualdade é um princípio articulador em meio a uma realidade em que se evidencia a desigualdade, como é a das participantes da pesquisa aqui apresentada.

Para Rancière, a igualdade é um ponto de partida porque todos têm capacidade de se expressar e reivindicar soluções para suas angústias. Porém, os sem-parte são ignorados, suas expressões são tidas como ruído, como desprezíveis. Por mais que todos possam se expressar, nem todos são ouvidos. A verificação da igualdade se dá quando isso é percebido e tensionado, quando são criadas outras formas de partilha do sensível capazes de fazer com que os sem-parte sejam reconhecidos. Na verificação da igualdade, a política fica evidente ao fazer notar o ruído das expressões dos sem-parte.

Dessa forma, os relatos utilizados neste artigo foram selecionados e organizados de modo com que fosse reconfigurado material e simbolicamente o comum. A atitude de pesquisa, a todo momento, foi de reordenar o fluxo, propor outras possibilidades e maneiras de se perceber o mundo, indicar outra forma de entender uma situação, por meio dos próprios relatos em que as participantes se apropriam criativamente da norma.

O objetivo de coletar e reordenar os relatos foi evidenciar os processos de subjetivação política que se dão nos seus cotidianos, possíveis cenas de dissenso que emergem da necessidade de emancipação via verificação de igualdade, que ao mesmo tempo que identifica precariedades é capaz de provocar deslocamentos políticos.

METODOLOGIA

Este estudo parte da premissa de que os relatos de si são implicados em uma temporalidade social que vai além da narração, identificando as próprias condições de existência enquanto seres sociais sujeitos às normas sociais (Butler, 2015b, p.18). Ainda que imersos em normas e condições morais, é justamente nos relatos de si que os sujeitos estabelecem uma relação crítica com essas normas. As participantes são convocadas a articular criativamente a norma, refletir sobre suas vivências e seus processos de apagamento (Butler, 2015b, p. 29).

O relato de si mesmo é sempre uma troca que envolve o sujeito que interpela as normas e o sujeito que é interpelado numa dinâmica aberta a possibilidades linguísticas e simbólicas. Essa metodologia da escuta a que nos dispomos vem acompanhada do princípio articulador defendido por Rancière de assumir a igualdade entre pesquisador e participantes, buscando romper com posições historicamente classificadas, em movimento semelhante ao que fez Carrijo *et al.* (2019). Isso se materializou principalmente nos momentos presenciais em que as participantes também se viam à vontade para fazer perguntas, invertendo o papel de entrevistador-entrevistado. Os relatos das travestis foram coletados a partir de três procedimentos metodológicos: a) análise das histórias publicadas no livro *Translado: narrativas de travestis e mulheres trans da Av. Pedro II* (German *et al.* 2018), b) seis entrevistas em profundidade de 40 minutos a uma hora e meia; e c) um grupo focal realizado com três travestis. O trabalho foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP/UFMG).

O livro *Translado* (2018) traz reflexões sobre identidades, territórios e memórias das travestis por meio de atividades de customização de camisetas, entrevistas e *flâner* (uma deriva por espaços públicos que elas elegeram). A obra foi desenvolvida em oito encontros, que contaram ao todo com doze participantes, realizados em duas casas de travestis da região no ano de 2017. Além dos relatos, o livro é ilustrado com fotografias feitas por elas mesmas com câmeras descartáveis. Para a análise deste artigo foram extraídos trechos do livro que contextualizam as vivências cotidianas das entrevistadas fora da rotina da pandemia.

Já as seis entrevistas, foram realizadas entre dezembro de 2020 e maio de 2021 por telefone, a partir de um roteiro semiestruturado, e cada uma teve duração de 40 a 90 minutos, atingindo um total de 296 minutos. Seguiram-se os passos indicados por Gaskell (2000) para a estruturação e condução das entrevistas. O roteiro foi pensado de modo a refletir sobre o período da pandemia, seus medos e suas estratégias de sobrevivência, além de perguntar sobre questões cotidianas. As perguntas buscaram relatos sobre suas vivências e vulnerabilidades, além de emitirem opiniões sobre o contexto e o mundo em que vivem.

Os desafios de uma entrevista por telefone foram muitos. Como eram realizadas no período de descanso das travestis, durante o dia, raras vezes elas aceitavam substituir o repouso pelas entrevistas. Além disso, por mais que houvesse a tentativa de minimizar as incompreensões – tanto em função do meio, telefone, quanto em função das diferenças dos universos do pesquisador e das travestis – elas não puderam ser anuladas. Algumas respostas eram incompreensíveis por serem muito próprias das vivências das entrevistadas. Parte delas foram significativamente mais curtas do que o esperado, excessivamente monossilábicas, sendo algumas interrompidas com a justificativa de estarem em local pouco reservado, o que poderia trazer constrangimentos.

As dificuldades com as entrevistas por telefone foram sanadas com a realização de um grupo focal. Com a ampliação da vacinação contra o novo coronavírus e a redução no número de casos, o grupo focal foi realizado em julho de 2021 e contou com três travestis, moradoras da mesma casa. As participantes foram indicadas pelas donas de casas que alugam quartos para travestis, que insistiram nas entrevistas presenciais por ser mais fácil reuni-las. O grupo focal foi realizado em uma casa ampla, bastante arejada.

Com o objetivo de romper com as hierarquias entre pesquisador e participantes e de permitir o encontro de visões distintas (Barbour; Kitzinger, 1998), ao invés de perguntas prévias, foram listados temas a serem sorteados por elas para que falassem livremente sobre trabalho, casa, família, fé, saúde, corpo, espaço público, entre outros. Elas mesmas faziam perguntas umas para as outras. Por serem íntimas entre si, a dinâmica foi muito proveitosa. Elas faziam perguntas já sabendo a história da outra, ou até diziam “*vou deixar ela responder porque a história dela é boa*”. Houve o mínimo de intervenção dos pesquisadores, apenas para melhorar a compreensão, incentivar a participação ou motivar o aprofundamento do relato sobre determinada vivência.

A sistematização dos dados foi ancorada na metodologia de construção de cena (Rancièrre, 2016), uma metáfora do teatro que permite “construir espaços e relações a fim de reconfigurar material e simbolicamente o território do comum” (Rancièrre, 2010, p. 19). É uma montagem de relatos que busca questionar aquilo que é tido como aparente, deixando aparecer o que costuma ser imperceptível. São escolhidos relatos exemplares de situações recorrentes. Em seguida, os relatos são reunidos de modo a organizar uma cena, buscando identificar outras possibilidades e maneiras de se perceber o mundo além das suas vulnerabilidades, deixando vir à tona o que é político e que questiona a polícia (Rancièrre, 2005) ou a norma (Butler, 2018). É uma articulação crítica e criativa da norma (Butler, 2015b) que ao mesmo tempo revela precariedades e busca reenquadrar normas opressivas. Neste artigo apresentaremos uma das quatro cenas montadas na versão ampliada da pesquisa. A cena revelou relatos de antes – por meio do livro *Translado* – e durante a pandemia, evidenciando que as normas e os seus questionamentos perpassam temporalidades distintas.

No final da cena, delineamos as dimensões do aparecimento, que ora denotam vulnerabilidades, ora denotam a potência de propor novos modos de rearranjar suas vidas diante das adversidades.

CENA: MINHA REGRA É VIVER

-Poliana: Ô nega! Cê não viu foi nada, humilhação era há 20 anos atrás, cê corria da polícia, cê ia pra cadeia e ficava lá a noite inteira, saía às 6 da manhã.

-Milena: Ah é bom, eu comendo e dormindo...

-Poliana: É, mas não tinha comida não, nega. Sinto muito, mas não tinha comida...

-Milena: Ah, então eu gritava, quebrava tudo!

-Poliana: Ahhhh e o quê que vai adiantar cê gritar? O que vai adiantar? Ainda apanhava, ganhava spray de pimenta na cara. (German, 2018, p.11).

Em vários relatos das travestis é comum perceber uma dicotomia. Ora sua presença é extremamente evidente, impossível de passar despercebida; ora são ignoradas, esquecidas. Essa dicotomia aparece quase que simultaneamente. No mesmo instante em que elas narram a perseguição policial e a procura pela travesti, evidenciam que é só mais um esforço para apagar essa existência.

Eu já apanhei muito de policial. Tinha um policial aqui na Pedro II, ele perseguia a gente. E eu não fico calada, né? Ele via a gente e botava a gente pra ir embora. Ai a gente não ia, né? Tem conta pra pagar, como é que vai embora? Ai a gente ficava, aí ele batia. (Entrevista com Patrícia - dezembro/2020).

As “contas para pagar”, durante a pandemia, levaram muitas travestis a manter a ocupação, mesmo no período de isolamento social (Benevides; Nogueira, 2021). Esse dado revela não só a incapacidade de

absorção da mão de obra travesti pelo mercado formal de trabalho, mas também o cerceamento a direitos básicos para essas pessoas.

A vida da transexual se resume no seguinte: infelizmente a transexual que não tem oportunidade de emprego, que foi lançada pela sociedade, que a gente é jogada pela sociedade como se fosse uma enxurrada mesmo, pelos cantos, pelos bueiros. Então nós não temos oportunidade de trabalho, uma carteira assinada, nós não temos o INPS, nós não temos nada de uma vida normal. (Brenda – German, 2018, p. 32).

O trabalho informal, sem direitos previstos na legislação, como relata Brenda, foi bastante impactado pela pandemia da covid-19. O contato físico inerente à atividade da prostituição trazia preocupação para as travestis, que relataram se cuidar da forma como era possível, e de maneira mais intensa no início da pandemia. Diante da falta de oportunidades, não havia alternativas a não ser ir contra as recomendações sanitárias. Como disse Patrícia em relato apresentado no início deste artigo: *“como que a gente fica em casa? Os boletos tão chegando, as contas chegando. Eu tenho que pagar a conta. Eu vou ficar na minha casa com fome, sem energia, sem água?”*. Mesmo continuando a trabalhar, muitas relatam dificuldade.

Porque proibiu os homi, né? Fecharam tudo. E aí os homi não sai por causa da pandemia, não sai pra rua. E aí a gente vai pra rua, mas não ganha dinheiro (Entrevista com Patrícia - dezembro/2020).

Os clientes ficaram mais temerosos em procurá-las e os estabelecimentos como motéis, boates, bares, entre outros, que eram importantes para a atividade, foram fechados por decreto da prefeitura como medida de contenção do vírus.

Cestas básicas, auxílio emergencial, entre outras ajudas do governo e de outras instituições e organizações não governamentais foram listadas como importantes nesse momento.

Mas você sabe que a gente que é travesti não gosta de ser dependente, né? Aí a gente fica dependendo do dia, aí a pessoa liga pra gente “tal dia eu vou levar... vou te dar uma cesta”. Aí a gente fica naquela expectativa, a pessoa não liga, a gente tem que descer pra rua, pra correr atrás, pra fazer o dinheiro. (Entrevista com Thalita – dezembro/2020)

Também houve relatos sobre a dificuldade de acesso à distribuição de preservativos, política de combate à aids. Como o direito de receber essas ajudas era incerto e inconstante, elas relataram que era necessário se arriscar. A necessidade perpetua a negação do direito à integridade física que historicamente tem sido negado a elas.

[...] agora essa lei que trocaram de nome, então aí entra como mulher, né? Aí sai medida protetiva, vai preso e tudo, né? Mas antigamente, quando você agredia uma travesti, era lesão corporal. Aí chegava lá, você ia, passava um constrangimento doido na delegacia, com seus documentos, sabe? E a delegacia enquadrava em lesão corporal. Agora que a gente trocou de nome, aí a gente não sofre mais preconceito com a documentação da gente. Mas, mesmo assim, ainda quando a gente precisa ir na delegacia, que a gente vai na delegacia, eles procuram se a gente é operada, se a gente é... Sabe? Esse tipo de pergunta. (Entrevista com Patrícia - dezembro/2020).

Se o não reconhecimento do nome é uma forma de apagamento da existência, o horário em que estão acordadas também. A vida das travestis possui um ciclo circadiano diferente. As noites são os dias, quando elas vão trabalhar e buscar o sustento.

[...] seis da manhã para ela é como se fosse seis da tarde. É o horário em que ela está entrando em casa para tomar banho, para se ajeitar e dormir. Nove horas da manhã é que ela consegue pegar no sono mesmo, que ela consegue desligar. Já tirou a maquiagem, já tomou banho, já comeu alguma coisa, já relaxou, colocou a cabeça em dia, então ela vai dormir. Não existe falar que meio-dia é horário de almoço de uma transexual, porque não é. Quando muito uma transexual faz uma refeição ao dia - não porque ela quer, mas porque o organismo dela faz isso com ela. Elas vão comer por volta de seis horas [da noite],

na hora que elas levantam. Por volta das oito horas [da noite] já tão tomando banho, nove já estão na rua! E no momento que elas estão na rua elas fazem pequenos lanches: vai no barzinho, come alguma coisa... aí tem um tempinho, vai no outro bar, come outra coisa. (Brenda – German, 2018, p. 56)

O tempo da travesti é noturno, o que diz de uma certa ocultação de sua existência à luz do dia. Contra as ações de apagamento das vidas das travestis e de negação à sua dignidade, muitas delas mencionaram a adequação a uma certa etiqueta de bons costumes: ser o mais discreta possível e tentar não chamar muita atenção. Nas entrevistas era muito comum dizerem que é melhor ignorar quando percebem que alguém está provocando.

O cenário, pouco iluminado, é marca do cotidiano das travestis, seja à espera de um cliente, seja se escondendo de possíveis ameaças, em meio à dicotomia de tentar ser vista e se esconder ao mesmo tempo.

Alguns [clientes] falam ‘nossa eu não te vi na rua!’. Pega na sua frente, está te vendo ali... Tem um que fez assim, ele sempre saía comigo. Estava eu e a bicha³, uma do lado da outra porque a gente estava conversando. Ele parou, eu fui. Eu fui, meu cliente, né? Na hora que eu fui, ele fez assim ‘não, ela’. Eu olhei assim, ‘bom’, voltei pra trás, tipo assim, querendo chorar. ‘Num acredito!’ Sabe? Gente, ele sempre sai comigo! Ele foi atrevido! (Lívia – German, 2018, p. 45).

A desconsideração dos clientes em relação às travestis aparece quando ela diz não ser vista, mas também durante os programas.

Quando a gente entra num quarto eles acham que a gente é escrava deles, do que eles querem. Só porque tá pagando um valor que nem é acessível pra gente. (Entrevista com Laura – maio/2021)

A invisibilidade também se revela nos valores negociados.

-Milena: É, que a gente é obrigada a aceitar 10 reais, 20, 30, pra nós ‘foder’ sem camisinha com homem...
-Poliana: Uai, é só você não aceitar! Você tá na rua, mas você tem opção, vários homens já parou pra mim também oferecendo isso. O que eu falava? ‘Não, amor, não aceito. Brigada, tchau’. Vida continua. Mas elas gostam de fazer a babadeira, sabe?
- Milena: Quarenta reais o menino vai querer foder sem camisinha? Ó! Pegar uma aids por causa de 40 reais? Quem é você, seu lixo?
- Entrevistador: Ele falou isso com você?
- Milena: Eu que falei isso com ele! (German, 2018, p. 11).

No universo da pornografia é comum perceber um certo fetiche por sexo desprotegido, anunciando essa modalidade logo no título do vídeo “sem capa”, “bareback”, entre outros nomes. Entretanto, esse relato expõe o preço que custa uma vida para determinado cliente: R\$40 e o risco de contrair doenças, o que pode também prejudicar o seu meio de sustento. Ao mesmo tempo, elas expõem que os clientes buscam algo diferente com elas, uma certa fuga da rotina, principalmente na época da pandemia.

O homem está com sua libido alta, parado dentro de casa sem fazer nada, só na internet, acabou. Às vezes, ele mesmo não consegue se satisfazer. Estão muito tempo dentro de casa, tédio, muita mesmice, ele não distrai, então ali é um momento feliz. (Entrevista com Yara - dezembro/2020).

Em meio à escassez de oportunidades, é possível tentar tirar proveito das situações. Yara foi a única que narrou ter tido ganhos financeiros com a pandemia. Ela diz que “foi o momento mais apto, do ponto de vista financeiro. O momento que eles cansaram de ficar em casa (risos).” Mesmo sendo a única a ter um relato positivo da pandemia, ela não é a única a perceber possibilidades de tirar proveito da situação em

³ É comum escutar as travestis se referirem uma à outra como “bicha”, “viado”, entre outros termos que podem ser também reconhecidos para homossexuais-cisgênero.

que vive. Assim, sem discordar de todo apagamento de suas vivências e subjetividades, é possível encontrar uma forma para aparecimento.

Se eu tiver ali na esquina, na padaria e parar um cara, e ele ‘nossa você é linda’. Você pode ter certeza que ele vai me chamar de linda, vai passar 10 minutos, ele vai pegar meu telefone, igual todos fazem e vai me falar ‘eu quero te comer’. Entendeu? Não vai falar ‘nossa que legal, quero te conhecer, quê que você faz da vida, como que você chama’. Eles nem perguntam o seu nome. E tipo, quer comer, quer comer... Sempre está se aproveitando de mim. Pra depois nem me olhar na minha cara, porque ele está com a mulher dele, ele tem a mulher dele. Então, eu tenho que aproveitar dele de alguma forma também. Entendeu? Eu sou descartável para ele, igual eu falei pra vocês, a gente é descartável pra eles. Se a gente é descartável pra eles, que eles sejam pra gente também. Que a gente tire um proveito disso. (Lívia – German, 2018, p. 38).

Cobrar é a solução encontrada para tirar um proveito, frente a todas as exclusões e apagamentos. Uma forma de correr atrás do prejuízo de não ter direitos. E assim, elas aparecem justamente em um momento propício em que os clientes estão dispostos a pagar pelo prazer e pela curtição.

Eu participo do rolê que o povo vai para gastar, mas eu vou para o rolê para ganhar. Entendeu? O cara sai de carro para poder me pagar, para ele curtir. Eu vou para lá para curtir e ganhar o dinheiro dele. Então tipo assim, eu adaptei tudo para meu projeto. (Entrevista com Yara – dezembro/2020).

Com isso, aquele momento pode ser o momento de manifestar as vontades, de saciar outros desejos.

Fui num motel lá em Contagem [região metropolitana de Belo Horizonte], o cliente me deu R\$700,00, só pra ele cheirar em cima da minha bunda. Que ele queria cheirar em cima de minha bunda e fazer companhia. Aí ele falou: ‘você pode pegar tudo que você quiser’. Aí eu só bebia Ice, pedia lasanha. Comia toda hora, 24 horas, café da manhã. (Milena – German, 2018, p. 82)

E até para a miopia dos clientes é possível encontrar formas de ser vista:

Depois, um dia ele voltou, ‘como é que cê tá?’. Antigamente eu brigava já, antes de entrar no carro. Agora não, eu faço muito a cínica. ‘Oi meu amor, como é que cê tá?’, ‘ah, vamo ali fazer um programa’, ‘vamo, o valor é...?’. ‘o mesmo valor, amor’. O bofe vai e faz o programa normal. No final, ‘só isso?’, não. ‘Não é isso que eu combinei com você’. ‘Não, mas você sempre fez esse valor’, ‘não, não é esse valor não. É tanto tanto tanto’, ‘não, mas...’. ‘Não, é tanto tanto, amor. Ou você está achando que eu sou palhaça? Você lembra aquele dia que eu estava na esquina...’. ‘Não, mas você não estava na rua. Não te vi’, ‘ah, você não me viu? Tava do lado, eu cheguei no carro... você... Eu fiquei passada!’. ‘Eu não te vi!’. ‘Eu cheguei no carro você falou que era outra. Você não me viu?’. Eles são muito cínicos! É cada coisa que eles falam, que dá vontade de... Você tem que ser cínica igual a eles. (Lívia – German, 2018, p. 45).

Jogar o mesmo jogo e dançar conforme a música podem parecer ações de submissão, mas não quando as regras são revertidas a seu favor.

Porque se você estressar, você briga e pronto. Você perde um cliente. Só que você tem que ser cínico igual eles. Entendeu? Fazer o joguinho deles. Eles estão mentindo, você sabe que eles estão mentindo, você... ‘é verdade’. Você sabe que, enfim... Tem que ser assim. Aí ele ‘não, mas eu não te vi, você não tava na rua’. Eu falei: ‘Eu não tava na rua? Não? Você acha que eu sou palhaça? Eu saio com você eu faço isso, isso, isso, isso... Eu não estipulo tempo, te trato super bem, faço a maravilhosa com você, e você faz isso? Que pelo menos pegasse longe de mim! Agora você foi muito abusado, muito ousado!’. ‘Não, mas não sei que...’. ‘Não, é tanto e tanto’. Aí eu já começo a... eu sou muito podra. Finjo que tô chorando, faço toda uma cena. Toda uma cena mesmo. ‘É porque você não sabe, eu faço tudo pra você!’. Nó, teve um que ‘não, Lívia, toma, toma, toma. Desculpa...’. ‘Você me promete...? Agora me abraça...’. Igual uma novela. Sabe? Mas tem que ser assim! Você tem que fazer uma atriz. Porque se você ficar estressada, meu amor... Então tem que ser assim com eles.” (Lívia – German, 2018, p. 45).

Entrar em um jogo do qual se sabe pouco das regras e em uma posição desfavorável é um ato de coragem. Mesmo em uma situação desproporcional, encontrar as formas de colocar suas cartas e não se render às ameaças é também fazer valer sua existência e suas vontades. Não é possível controlar como o caminho do jogo vai seguir.

Ele colocou a faca no meu pescoço e falou ‘passa o telefone’. A Fabiolla começou a gritar ‘passa o telefone logo!’, e elas gritando... Eu falei que não ia passar meu telefone. Aí eu passei, mas falei que ele ia esperar eu tirar meu chip e meu cartão de memória. (Palloma – German, 2018, p. 15).

Talvez, ignorar as agressões possa ser lido como um ato de resistência. Com certeza esse é um ato de sobrevivência quando é o caso de uma conspiração contra a própria vida. Contra as regras que só querem aniquilar sua existência, as travestis buscam criar suas próprias regras e, com isso, criar as possibilidades de aparecer e de ter uma vida vivível.

Quando eu morava com eles [com a família], eu não conseguia seguir as regras, e fazer com que eles vissem as minhas... E a minha regra é viver. Então eu vivi. (Entrevista com Yara – dezembro/2020).

DISCUSSÃO: A VERIFICAÇÃO DA CENA EM DOIS ATOS

A política em Rancière está justamente em tentar fazer com que a dor dos sem-parte (daqueles que são ignorados ou insatisfeitos com o lugar que ocupam) seja reconhecida enquanto dor, e não somente como um ruído ou algo desprezível. A política está na reordenação simbólica do sensível capaz de fazer escutar os inaudíveis. Dessa maneira, organizamos nossa análise em dois eixos, ou, fazendo jus à metáfora da cena, em dois atos. No primeiro deles, discutimos os apagamentos que essas mulheres sofrem; no segundo, discutimos os reordenamentos de sentido que evidenciam desentendimentos capazes de gerar partilhas do sensível não consensuais, mas que questionam os padrões dados, desestabilizam normas e criam subjetividades políticas.

Como num primeiro ato, logo no início da cena, a conversa de Milena com Poliana, extraída do livro *Translado* (German, 2018, p.11) é um esforço de significação de suas dores. Poliana se empenha em significar o que, de fato, é uma humilhação, ou seja, uma situação em que o valor da pessoa é suprimido ou ignorado, em que sua condição de sem-parte chega a seu estágio mais puro: a experiência de ser perseguida, presa, silenciada e ainda agredida, caso tentasse falar.

As humilhações são reconhecidas por elas também em relação à sociedade, quando Brenda, no livro *Translado* (German, 2018), assume que a transexual fica “jogada pela sociedade como se fosse uma enxurrada mesmo, pelos cantos, pelos bueiros” (p. 32). Do mesmo modo, esse reconhecimento é desvelado quando Patrícia, em entrevista durante a pandemia, relata que, mesmo quando possui o reconhecimento legal do nome social, ainda passa por situações constrangedoras com perguntas sobre cirurgia de redesignação de gênero. Durante o trabalho, elas são “feitas de escravas”, como relatou Laura, ou recebem propostas para transar sem camisinha, estando sujeitas a doenças, como disse Milena.

As travestis não parecem estar entre as vidas e os corpos que importam, como diz Butler (2015a, 2019). É importante mencionar o título em inglês do livro *Corpos que importam* (Butler, 2019), que no original é *Body that matters*. Em inglês, o título traz um trocadilho que não é muito perceptível com a tradução e que, em certa medida, resume um pouco as discussões do livro. *Matters* pode ser traduzido como importar, no sentido de ter importância, significar, e até mesmo importunar, mas também pode ter uma relação com a “matéria”, com o material ligado à existência. O livro discute sobre os significados que um corpo pode ter, os discursos que incidem sobre ele, e como se justifica a importância ou não de uma vida.

Ao indagarem o que é o valor de R\$40,00, a resposta esperada não é exatamente sobre o que é possível comprar com esse dinheiro. Sexo sem camisinha entraria nessa lista? Mesmo com o argumento de que quarenta reais não é o valor que o cliente pagaria pela vida de Milena, e sim o valor do sexo, possivelmente esse cliente e muitos outros que se relacionam com as travestis sequer refletiram sobre o valor dessas vidas.

A oferta, por parte de clientes, de valores insignificantes para transar sem camisinha está igualmente relacionada à falta de abastecimento de preservativo para as travestis durante a pandemia, conforme relatado. Elas contam que o movimento de clientes caiu, o que leva à conclusão de que a distribuição de preservativos estava condicionada à prática da prostituição, e não à saúde das próprias travestis. Em outras palavras, seria como se precisassem dizer quantos clientes elas teriam, para se calcular quantos preservativos elas deveriam receber.

Nessa lógica, os preservativos seriam mais para os clientes do que para as travestis. É como se somente as travestis pudessem estar infectadas pelo vírus da aids ou por outras doenças. A prevenção estaria destinada a evitar que elas transmitissem doenças para seus clientes e se daria por meio da distribuição dos preservativos. Ademais, diminuir a distribuição das camisinhas revela uma instabilidade de uma política de saúde pública de décadas, de controle epidemiológico, quando outro problema sanitário surge.

Isso evidencia o processo social e institucional de apagamento dessas vidas que, por um lado, não possuem oportunidades de trabalho formal e, por outro, correm riscos no trabalho que exercem. Mesmo com todas as recomendações para ficar em casa durante a pandemia, depender de ajudas também não é algo seguro, e assim elas ficam **entre a cruz e a espada**: “[C]omo que a gente fica em casa? Os boletos tão chegando, as contas chegando”, como já mencionado, diz Patrícia em entrevista. O apagamento institucional se deu também nas políticas de governo durante a pandemia. O auxílio emergencial pouco chegou até elas, mesmo com a grande rede de solidariedade que se formou. Nem sempre era possível contar com a cesta básica, um favor que algumas pessoas prometiam, mas nem sempre cumpriam.

Outra discussão importante é o papel dos agentes de segurança, os policiais. São eles que perseguem, prendem, impedem ou dificultam que elas exerçam a única profissão que lhes é destinada, uma vez que 90% delas são prostitutas (Antra, 2018) e há pouca margem de escolha no espectro profissional. A polícia, que deveria prezar pela segurança e integridade física dessas pessoas, trata com desdém as violências que sofrem, fazendo perguntas que nada contribuem para sanar ou solucionar a violência vivida por elas. Com isso, o direito a ter direitos e o direito a reivindicar direitos, a busca de uma vida vivível, como discute Butler (2015a, 2018), condição do aparecimento para ela, é cerceada, negada e dificultada.

Até aqui evidenciamos os apagamentos e as vulnerabilidades das travestis da Av. Pedro II de Belo Horizonte. Entretanto, como num segundo ato, a cena construída no tópico anterior também expôs as brechas e tentativas para aparecer em meio à invisibilidade: “E eu não fico calada, né?”, disse Patrícia em entrevista. Por meio da reordenação simbólica e material, quem é descartável consegue também descartar, de modo a inverter o fluxo, desestabilizar as hierarquias, enfim promover um comum, como concebido por Rancière (2006).

Estar na rua é motivo para as perseguições dos policiais, mas também a única forma de sobreviver para muitas delas. Afinal, elas têm contas para pagar, precisam se alimentar, precisam vestir, entre outras necessidades básicas. Além disso, como Thalita relata, elas mesmas não querem depender do outro, querem construir sua própria autonomia. Essa busca da própria autonomia também se revela como uma negação da hierarquia. Elas não querem depender de ninguém, querem ter a própria vida, poder gozar da liberdade de escolhas, de serem quem são e não precisarem de favores e caridade ou de formas de sustento de outras pessoas ou do governo.

A mesma autonomia se mostra na recusa do programa sem camisinha. “Pegar uma aids por causa de 40 reais?”, questiona Milena, evidenciando que apesar de o governo e os clientes não darem valor à sua vida, ela, Milena, dá esse valor. Ela não só reafirma o seu próprio valor como também rebaixa o cliente: “Quem é você? Seu lixo?”. Foi uma forma encontrada de dizer que aquele que a desvaloriza, que não reconhece o valor da sua vida, não tem autoridade para isso, e que é, portanto, uma pessoa desprezível.

Se o comum para Rancière (2006) se estabelece por meio da verificação da igualdade, quando são suprimidas as hierarquias e suspensa a partilha do sensível convencional emerge o espaço da política. Esse comum se estabelece, por exemplo, na fala de Milena reivindicando o valor de sua vida. A dúvida do “*quem é você*” suspende a hierarquia de quem paga e marca uma ideia de que a travesti não precisa ou depende daquele outro. Está presente também na fala de Thalita, ainda que em um contexto mais amigável, ao falar que as travestis não gostam de depender de ninguém. O “*quem é você*” também suprime o significado do outro, em certa medida afirmando que ela também não consegue entendê-lo, sua palavra é um ruído para ela.

Essa inversão do fluxo, esse abalo dos alicerces hierárquicos, se dá quando elas mesmas se percebem tirando algum proveito de alguma situação, ou seja, possuindo uma certa vantagem sobre alguém que pode vê-las como escravas. A inversão do fluxo se dá quando elas próprias criam seus meios de proteção contra contextos desfavoráveis, firmando as condições e possibilidades de serem vistas.

Ao pensar nas formas de tirar proveito de determinadas situações, elas buscam outras maneiras de entender, vivenciar, valorizar e experienciar a forma com que sobrevivem. Poderia ser apenas um programa, mas elas manipulam signos e significados para que não seja somente um programa. O programa, então, envolve um excesso de possibilidades, positivas e negativas, em que elas buscam o aparecimento escondido nas palavras do “tirar proveito”. O aparecimento, aqui, também se traduz no sentido de participar daquilo que as pessoas valorizam, como comer bem ou receber bem pelo trabalho. As travestis deixam claro que estão fora da contagem quando subvertem as humilhações e invisibilidades. Ao partilhar novos sensíveis a partir daquilo que não é consensual, como tirar proveito, por exemplo, constroem condições de subjetivação política.

Essa subversão de hierarquias de quem aproveita e quem é objeto do gozo também pode ser observada no caso de Lívia. Um elogio que vem acompanhado de “*quero te comer*”, como ela relata, é um elogio que possui o preço de saciar essa vontade. “*Voce ^ pode ter certeza que ele vai me chamar de linda, mas vai passar 10 minutos, [...] e vai me falar ‘eu quero te comer’*”. Depois de saciada a vontade, é como se o elogio não tivesse existido; quem o faz nem olha mais na cara de quem foi elogiado, não sabe nem o nome, já que “*nem perguntam o nome*”, como reforçou Lívia. Aquele súbito de valorização daquela vida é efêmero e volátil.

Rancière (1996), sobre a Roma Antiga, dizia que: “não há por que [os patrícios] discutir[em] com os plebeus, pela simples razão de que estes não falam. E não falam porque são seres sem nome” (Rancière, 1996, p. 17). Da mesma forma, o nome de Lívia foi ignorado, mas Lívia fez valer seu nome e buscou outra forma, outra partilha do sensível, para ser parte e assim mostrar que não era só um objeto de desejo, mas um excesso, que transmuta os signos do nome e passa para a valorização monetária.

Cobrar para saciar essa vontade não representa somente uma sobrevivência, porque é assim que as travestis pagam suas contas, mas também uma forma de conquistar algum valor enquanto pessoa. Assim, elas buscam ressignificar a si mesmas, provar que são dignas e desfrutar o momento. Afinal, como nos diz Yara, ela vai para o rolê, “*para curtir e ganhar o dinheiro dele*”.

Dessa forma, por mais que sirvam como objeto de sexualidade, os clientes também são associados aos valores que eles pagam. Ou seja, quarenta reais não é o sexo sem camisinha, mas o valor que Milena está disposta ou não a isso. O valor cobrado, para o lado do cliente representa a satisfação de sua vontade; mas para o lado da travesti, o valor cobrado representa o quanto ela está disposta a satisfazer essa vontade e com essa pessoa, uma reflexão que envolve autocuidado, saúde, dignidade, diversão, entre várias outras coisas.

Considerá-las invisíveis, como desvela o relato de Lívia, não é uma ação impune. Os manejos que elas fazem entre apagamento e aparecimento, entre invisibilidade e existência, denotam ações que subvertem as normas e as retiram do lugar de coitadas ou vulneráveis.

Tanto é que até ousadas e atrevimentos são cobrados à parte, embaladas com falas dramáticas, dignas de novela, mas que só querem valorizar aquela vida, aquela pessoa. Se não viu na rua, “*me fez de palhaça*”, não

valorizou que “*faço a maravilhosa*” para você, agora terá que arcar com um custo financeiro maior ou, ao menos, terá que fazer parte de uma cena roteirizada e protagonizada a fim de evidenciar o valor da vida dela.

Relatos como os da Lívia revelam uma verificação da igualdade, ainda que ela se dê em linguagem diferente e seja traduzida para cada parte com significados igualmente diferentes. O cliente pode se sentir no comando, pois é ele que decide quem vai ver na rua. Mas é Lívia que decide qual é o preço disso, o quanto está disposta a essa situação, e poeticamente marca o valor da sua vida por meio de uma “cena” que ela cria.

Outros relatos como os de Palloma, que se recusa a obedecer ao assaltante, mesmo com uma faca no pescoço, também expõe uma verificação de igualdade. A vida dela estava nas mãos do assaltante, dependia do desejo dele de matá-la para conseguir o celular ou não. Mesmo assim, ela firmou suas condições: ele deveria esperar que ela tirasse o *chip* e o cartão de memória do aparelho.

Para Rancière (1996), o aparecimento se dá no esforço de quem é inaudito ser ouvido; de quem é invisível ser visto. Por meio dessa cena, em meio a todo esforço de apagamento a que as experiências travestis estão submetidas, e até no misto de ser visto e se esconder, há um esforço de aparecimento, um esforço para que essas vidas sejam vivíveis. No final da cena, Yara diz que, sobretudo, escolheu viver, o que demonstra uma reafirmação dessa partilha de outro sensível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou discutir as diferentes dimensões da subjetivação política das travestis e sua relação com a esfera do aparecimento durante o período crucial da covid-19. Recuperar aspectos rotineiros desse aparecimento foi um percurso necessário, para que fosse possível evidenciar se a pandemia foi, de fato, a principal responsável pela invisibilidade das travestis da Av. Pedro II, em Belo Horizonte. Isso foi feito por meio da análise de relatos extraídos do livro *Translado* (German, 2018). As entrevistas e o grupo focal realizados nos anos de 2020 e 2021 confirmaram a percepção de que essas mulheres se constituem enquanto sujeitos políticos às margens desde antes da pandemia.

Obviamente, as condições de isolamento, a redução de clientes, a dificuldade de acesso a políticas públicas para as travestis, a restrição de contato físico, entre outras situações que aconteceram durante a pandemia, aumentaram a vulnerabilidade de quem trabalha na rua com contato físico. Mas é importante notar que essa vulnerabilidade já existia antes. A dinâmica de luz e sombra, noite e dia, a que se submetem as travestis ao trabalharem / aparecerem à noite, nas sombras, se manteve da mesma maneira, a despeito da pandemia.

Elas próprias jogam com essa dinâmica. Ora precisam ser discretas, hora demandam aparecimento. Isso faz parte das partilhas do sensível que se apresentam nos relatos e que desvelam ressignificações dessas vulnerabilidades, subversão de hierarquias, desentendimentos ao desafiar o que é aceito como moralmente válido e, ao final, uma forma de subjetivação política, a partir das margens, que escolhe a vida.

Os resultados deste estudo podem direcionar as políticas públicas em saúde para a população LGBTQIA+ no sentido de promover maior escuta sobre suas vivências, seja nas vulnerabilidades apresentadas, seja na ressignificação das hierarquias impostas. Considerá-las como sujeitas políticas de direitos implica em compreender seus modos de sobrevivência e suas estratégias de sobrevivência a partir das margens.

REFERÊNCIAS

ALVES, Claudio. **Nome *sui generis***: o nome (social) como identificação de gênero. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

ANUÁRIO Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, v. 14, 2020. Disponível em: <https://apidspace.universilab.com.br/server/api/core/bitstreams/c23c5f89-964b-4d9b-b2d1-1328976249ab/content>. Acesso em: 5 fev. 2024.

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1956.

ARREGUY, Cintia Aparecida Chagas; RIBEIRO, Raphael Rajão (coord). **Histórias de bairros [de] Belo Horizonte**: Regional Noroeste. Belo Horizonte: APCBH; ACAP-BH, 2008. Disponível em: http://www.pbh.gov.br/historia_bairros/NoroesteCompleto.pdf. Acesso em: 10 de maio de 2019.

ASSOCIAÇÃO DE TRAVESTIS E TRANSSEXUAIS (ANTRA). **Mapa dos assassinatos de Travestis e Transsexuais no Brasil** em 2017. Brasil: Associação de Travestis e Transsexuais, 2018. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2024.

ASSOCIAÇÃO DE TRAVESTIS E TRANSSEXUAIS (ANTRA). **Nota sobre a atuação da Antra em prol da população trans em tempos do covid-19**. Salvador, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2020/03/24/nota-sobre-atuacao-da-antra-em-prol-da-populacao-trans-em-tempos-do-covid-19/>. Acesso em: 02 fev. 2021.

AUXÍLIO emergencial de R\$600 revela 46 milhões de brasileiros invisíveis aos olhos do governo. **G1**, Rio de Janeiro, 26 abr. 2020. Fantástico. Disponível em: https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/04/26/auxilio-emergencial-de-r-600-revela-42-milhoes-de-brasileiros-invisiveis-aos-olhos-do-governo_ghtml. Acesso em: 6 set. 2020.

BARBOUR, Rosaline; KITZINGER, Jenny (ed.). **Developing focus group research: politics, theory and practice**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1998.

BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2024.

BENTO, Berenice. Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal. **Contemporânea**, São Carlos, v. 4, n. 1, jan-jun. 2014. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/197>. Acesso em: 10 abr. 2020.

BUENO, Samira *et al.* **Violência doméstica durante a pandemia de covid-19**. São Paulo: Fórum de Segurança Pública, 2020. (Nota técnica, ed. 2). Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2023.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1, 2019.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b.

CARRIJO, Gilson Goulart *et al.* Movimentos emaranhados: travestis, movimentos sociais e práticas acadêmicas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. e54503, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254503>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/ntRmycqprgwWvYRxgyw8bqq/>. Acesso em: 5 fev. 2024.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e de grupos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem, e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 64-89.

GERMAN, Tomas Soares Pereira *et al.* (org.). **Translado**: narrativas trans da Av. Pedro II. Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2018.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; PRADO, Marco Aurélio Máximo. Os processos de subjetivação e emancipação política em Jacques Rancière. **Psicologia & Sociedade**, v. 34, p. e265750, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2022v34265750>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/kdxrM8HkWbwrK4YnXnm6q9s/>. Acesso em: 5 fev. 2024.

RANCIÈRE, Jacques. A estética como política. Tradução: Augustin de Tugny. **Devires: Cinema e Humanidades**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 14-36, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Ed. 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. El tiempo de los no-vencidos. Tradução: Andrés Caicedo. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 70, p. 79-86, 2019. DOI: <https://doi.org/10.7440/res70.2019.07>. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/res/article/view/6116>. Acesso em: 5 fev. 2024.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**: política e filosofia. São Paulo: Ed. 34, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. **Política, policia, democracia**. Santiago: LOM Ediciones, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **The method of equality**: interviews with Laurent Jeanpierre and Dork Zabunyan. Cambridge: Polity Press, 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **WHO Covid-19 dashboard**. Genebra: WHO, c2023. Disponível em: <https://covid19.who.in>. Acesso em: 19 maio 2023.